

BOAS PRÁTICAS

Má conduta no início da vida acadêmica

O vice-chanceler da Universidade de Sydney, Michael Spence, criou uma força-tarefa coordenada por ele próprio para rever estratégias de prevenção contra casos de má conduta acadêmica entre seus alunos de graduação. A decisão foi uma resposta a um dos maiores escândalos já registrados envolvendo fraudes nos primeiros anos de formação acadêmica. Mais de mil estudantes de 16 universidades australianas contrataram os serviços de um *site*, o MyMaster, que cobrava até mil dólares australianos, o equivalente a R\$ 2,3 mil, para escrever trabalhos acadêmicos, relatórios ou apresentações de PowerPoint e responder a testes *on-line*. O caso foi revelado pela rede de jornais, revistas e emissoras de rádio Fairfax Media, que teve acesso a 700 recibos de depósitos na conta bancária do MyMaster, num total de 160 mil dólares australianos só no último ano.

Enquanto outras quatro universidades da Austrália – Newcastle, Macquarie, Tecnológica de Sydney e NSW – já haviam flagrado alunos usuários do serviço fraudulento com a ajuda do *software* antiplágio Turnitin, a Universidade de Sydney, que é a mais antiga e uma das mais respeitadas do país, mostrou-se incapaz de detectar casos. Em novembro, a Fairfax Media apresentou à universidade 40 trabalhos acadêmicos fraudulentos encomendados por seus estudantes, mas apenas cinco alunos foram identificados numa investigação interna. “Nossos processos de avaliação foram criados para minimizar a possibilidade de má conduta, mas

o advento de novas tecnologias tem criado formas inovadoras de fraude e um pequeno número de estudantes insiste em utilizá-las”, disse Spence ao jornal *The Sydney Morning Herald*. “Vamos considerar novos métodos de detecção de plágio e fraude e mudar processos de avaliação para reduzir o risco de que alunos sejam desonestos, a fim de fomentar uma cultura que valorize a integridade científica.”

A MyMaster iniciou suas atividades em 2012 e divulgava seus serviços em banheiros de universidades e em redes sociais. Os estudantes faziam encomendas no *site* e informavam o conteúdo e as referências que deveriam constar no trabalho, pagando 50% do serviço. A encomenda era repassada a *ghostwriters*, que entregavam metade da



encomenda. Se o usuário gostasse do resultado, pagava a outra metade e recebia o trabalho inteiro. O *site* saiu do ar depois do escândalo.

Expurgo de artigos controversos

A revista *Meccanica*, vinculada à editora Springer, anunciou a retratação de 11 artigos científicos de autoria de Alberto Carpintieri, professor da Universidade Politécnica de Turim e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisa em Metrologia da Itália (Inrim). A justificativa é que o processo editorial que levou à publicação dos artigos estava comprometido. A revista era editada, até o ano passado, pelo próprio Carpintieri, figura polêmica da ciência italiana. Em 2012, mais de mil cientistas assinaram uma petição pedindo o seu afastamento do comando do Inrim e a suspensão do financiamento de pesquisas sobre a fissão piezonuclear, controversa forma de geração de energia proposta pelo professor

que seria resultante da compressão de rochas, por exemplo, em terremotos. Outros pesquisadores tentaram reproduzir os experimentos do italiano que lastreavam seu achado, mas não conseguiram. Carpintieri também propusera num artigo científico de 2013 que o Sudário de Turim, pano de linho que teria sido usado como mortalha de Jesus Cristo segundo a crença católica, realmente tem mais de 2 mil anos, mas a datação do carbono 14, que o aponta como mais novo, teria sido comprometida por um terremoto ocorrido em Jerusalém no início da era cristã. Esse, aliás, foi um dos artigos que tiveram a publicação suspensa pelos editores da *Meccanica*.